

## Registros sobre mulheres surdas na história

Ângela de Fátima Girardi Stelmacki\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-5103-6893>

Danilo da Silva Knapik\*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-6932-501X>

**Resumo:** Este artigo teve por objetivo investigar registros históricos sobre mulheres surdas. Para atender ao objetivo proposto, o texto foi dividido em três grandes momentos: análise de produções publicadas sobre a história dos surdos, para verificar se há registros da presença de mulheres surdas, pois percebe-se que há mais registros sobre homens do que sobre mulheres; levantamento sobre registros de histórias de mulheres surdas no Brasil; apresentação de biografias de algumas mulheres surdas reconhecidas pelas comunidades brasileira e mundial. Os resultados permitem que seja reconhecida a importância das histórias das mulheres surdas do passado e do presente, a fim de proporcionar um futuro diferente, bem como construir uma representação que possa ser modelo para a valorização das futuras gerações destas mulheres. Com esta pesquisa pretendeu-se inspirar e incentivar o reconhecimento da presença, da resistência e da importância das mulheres surdas pela sua comunidade, e a equidade de direitos entre homens e mulheres surdos.

**Palavras-chave:** Mulheres surdas; História dos Surdos; Estudos Surdos.

### Records on deaf women in history

**Abstract:** This paper's goal is to survey the historical records on Deaf women. The text was divided into three main moments: analysis of published productions about Deaf history, searching for records of the presence of Deaf women, for we perceive that there are more records about Deaf men than women in Brazil; survey on records of Deaf women's personal stories in Brazil; presentation of biographies of some Deaf women who are acknowledged by the Deaf community both in Brazil and world widely. The results sustain the recognition of the importance of Deaf women's histories from the past and present, in order to provide for a different future. The results also show the basis for building a role-model representation for future generations of Deaf women. This research also intends to inspire and foster the recognition of the presence, resistance, and relevance of Deaf women in their own community, as well as the equity between the rights of Deaf men and women.

**Keywords:** Deaf women; Deaf History; Deaf Studies.

### Considerações iniciais

A escolha do tema de pesquisa decorreu da experiência com o assunto ao longo da minha trajetória, quando pude ter contato com a comunidade surda em palestras, na igreja, no curso de Letras Libras na universidade, em associações de surdos, em vídeos na plataforma Youtube, assim como no Facebook e nas diversas redes sociais. Em todos esses espaços pude perceber que as narrativas sobre as histórias dos surdos sempre

---

\* Graduando em curso de Letras Libras, Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora e Bolsista pelo Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária – SIPAD/PIBIS/UFPR/Fundação Araucária 2020/2021. Contato: [angelastelmacki3@gmail.com](mailto:angelastelmacki3@gmail.com)

\*\* Orientador e Docente do curso de Letras Libras, Universidade Federal do Paraná-UFPR. Pesquisador em História dos Surdos. Doutorando em Educação, UFPR. Contato: [dansknapi@gmail.com](mailto:dansknapi@gmail.com)

eram contadas por homens e quase nunca por mulheres, especialmente as surdas. Perceber a escassez da presença feminina nesse contexto foi o que despertou o interesse pelo tema.

A escolha me levou a muitas reflexões, ao longo do tempo, e a formular dois questionamentos, sendo: 1) Há muitas mulheres surdas reconhecidas nos registros históricos que representam a comunidade surda? 2) A presença das mulheres surdas é percebida na história da comunidade surda do Brasil?

As perguntas se justificam pela predominância da representação masculina na história dos surdos. A linha de tempo histórica mostra que os personagens, em sua maioria, são educadores do sexo masculino. Como exemplo, Aristóteles, o famoso filósofo grego, acreditava que os surdos não possuíam linguagem e eram incapazes de aprender e de falar; Santo Agostinho defendia a ideia que os pais dos surdos estariam pagando por algum pecado que haviam cometido; Pedro Ponce de Léon foi o monge católico que fundou uma escola de surdos para filhos de nobres; Charles L'Épée era conhecido como Pai dos Surdos, tendo fundado o *Institution Nationale des Sourds-Muets à Paris* que se tornou a primeira escola de surdos do mundo; Samuel Heinicke foi o primeiro educador a usar o método oral para surdos na Alemanha; Ferdinand Berthier foi um ativista francês que escreveu o livro considerado a primeira história dos surdos; E. Huet, professor francês que veio para fundar a primeira escola para surdos do Brasil; Flausino Gama, ex-aluno do INES (Instituto Nacional da Educação dos Surdos), que publicou o primeiro livro em Língua de Sinais no Brasil.

Além das informações apresentadas, a relevância do tema desta pesquisa se justifica, pois se pretende registrar a presença das mulheres surdas ao longo da história dos surdos, apresentá-las para sociedade atual, assim como à futura geração, a fim de valorizar a história destas, bem como demonstrar sua capacidade de representação. Como mulher surda, defendo que é muito importante que também tenhamos surdas como referenciais no processo de identificação das pessoas surdas.

Acredito que meu papel como mulher surda pesquisadora, conectada com o tema, emerge da minha trajetória de nascida surda e que concentra diversas experiências, seja no corpo, na cultura ou na identidade. Como mulher, por um lado, e como surda, por outro, tenho diferentes identidades e experiências, e ambas convivem dentro da mulher surda que me tornei. Nessa esteira de pensamento, optei por autoras surdas, principalmente da área de Estudos Surdos, pois além de relacionadas com meu tema, sob o viés acadêmico, muitas delas também sofreram as mazelas provocadas pela

desigualdade, durante suas trajetórias. Vale destacar que muitas mulheres surdas na história não podiam estudar e/ou estudaram em classes separadas de meninos. Além disso, muitas, como eu, sofreram com as decisões de uma família conservadora e religiosa que insiste em definir e demarcar, de forma desigual, os papéis de homem e de mulher na sociedade. Isto posto, e por acreditar que outras surdas como eu também sentiram na pele tais infortúnios, foi que escolhi o tema.

Dessa forma, delineou-se como o objetivo geral é investigar os registros históricos sobre as mulheres surdas na comunidade surda no Brasil e no mundo via pesquisa bibliográfica-documental. Seguindo a linha de reflexão do pesquisador surdo, Ladd, sobre como tornar o pesquisador subalterno, nas palavras do autor “é preciso passar anos aprendendo a pensar e sentir de maneiras e métodos projetados na maioria das estruturas acadêmicas por homens brancos, de classe média e não portadores de deficiência física” (LADD, 2003, p.19).

Ao repostarmos as ideias de Ladd para o contexto desta pesquisa, pode-se dizer que ele denuncia que um homem investigando, por exemplo, o movimento feminista, por não ter nascido do sexo feminino, não fala do mesmo lugar que uma pesquisadora mulher que se debruce sobre o tema. Neste contexto, eu sou uma mulher surda de nascença. Isso me permitirá compreender a subjetividade da cultura, da identidade do “mundo feminino” e, precisamente, do “mundo da mulher surda”.

## **1. Mulher, surda e história**

Um trágico momento, em 1911, que marcou a história das mulheres e deixou vestígios na história, foi o grande incêndio de uma indústria de Nova York, nos Estados Unidos, em que 129 mulheres, que ali trabalhavam como operárias, morreram queimadas. Elas lutavam em busca de igualdade de direitos para melhorar a qualidade de vida de todas. A empresa já era conhecida pelas péssimas condições de trabalho como falta de segurança, material inflamável, iluminação a gás e saídas trancadas. Quando irrompeu o incêndio, muitas pessoas não puderam escapar.

Scott, pesquisadora e autora do texto *História das mulheres*, relatou que as ativistas feministas contemporâneas surgiram a partir da década de 1960, quando começaram a participar de manifestações e a reivindicar direitos e a atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação.

As palavras da historiadora expressam que a relação “entre a história das mulheres e a política é, ao mesmo tempo, óbvia e complexa. Em uma das narrativas convencionais

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

acerca das origens deste campo, a política feminista é o ponto de partida” (SCOTT, 1992, p. 64). Ela afirmou, ainda, que é importante relacionar os fatos históricos e políticos para fortalecer a narrativa e a construção da história das mulheres ao longo do tempo. Por essa razão, minha pesquisa se embasou em seus trabalhos. Como já dito, a presença das mulheres surdas deve ser registrada na história dos surdos e reconhecida pela comunidade surda e pelas gerações futuras. Como a mesma autora explicou “A oposição entre ‘profissionalismo’ e ‘política’ não é uma oposição natural, mas parte da autodefinição da profissão como uma prática especializada, baseada na posse compartilhada, de extensivo conhecimento adquirido através de educação” (SCOTT, 1992, p. 70).

Em outras palavras, profissionalismo e política estão sempre envolvidos nas vidas das surdas. Elas adquirem conhecimento através da educação, daí vincular a área da educação com a linha da pesquisa. Ao pesquisar mais sobre o feminismo, vemos o que Scott (1992, p. 65) diz:

Certamente, esta narrativa tem variações significativas, dependendo de quem a relata. Em algumas versões, a evolução é encarada positivamente como um resgate da história, tanto de princípios políticos de interesses estreitos, quanto de um enfoque demasiado exclusivo sobre as mulheres ou de suposições filosoficamente ingênuas.

É um resgate dos fatos históricos acontecidos e vivenciados ao longo do tempo pelas mulheres que enfrentam as situações do mundo masculino. Louro, diz que é importante registrar e conhecer as produções narradas pelas mulheres que sofrem pelas desigualdades de gênero em suas trajetórias de vida.

O conceito de gênero afasta-se do de sexo na medida em que este último está ligado à distinção sexual, biológica, que está na base da desigualdade social. Gênero assenta na forma como as características sexuais são ‘representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas’ é que vai constituir o que é ‘feminino ou masculino numa dada sociedade e num dado momento histórico’ (LOURO, 1997, p. 21).

Em outras palavras, o gênero foi criado pelo homem, mas nosso estudo traz a análise comparativa entre discursos de autores subalternos sobre as bases teóricas do gênero. Apesar de tudo, acredito que essa reflexão pode contribuir com a discussão realizada sobre o tema por pesquisadores, discentes, participantes do movimento das mulheres entre outros.

Na década de 1990, foi assinada a Declaração de Salamanca na Conferência Mundial em Educação Especial, promovida pelas Nações Unidas e realizada entre os dias 7 e 10 de junho de 1994, em Salamanca, na Espanha. Precisamente nessa assembleia, as organizações e países presentes assinaram o documento das Nações Unidas, *Regras*

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

*Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências*, o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte do sistema educacional, possibilitando a inclusão, por meio de ações e políticas, e garantindo direitos básicos (ONU, 1994).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, no Título II, “Dos Direitos e Garantias Fundamentais”, Capítulo 1, Artigo 5º, afirma que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988). Isso significa que todos devem ser respeitados em suas diferenças de classe, físicas, de gênero, de religião entre outras.

Neste sentido, a diferença cria e transforma as experiências individuais, a vida cotidiana, as relações sociais e de poder que permeiam as relações entre grupos minoritários como de negros, indígenas, LGBT, pessoas com deficiências, surdos e surdas, entre outros, classificando-as como atividades humanas expressivas e simbólicas e de culturas entendidas como formas de vida distintas.

A pesquisadora surda estadunidense, Kelly (2007), discute a relação da mulher surda no campo de Estudos Surdos que pode se cruzar com a história cultural do campo dos Estudos da Mulher. A mesma autora questionou se esta nova conscientização removerá a supervisão de longa data da experiência feminina surda no campo dos Estudos Surdos. A finalidade da autora é maximizada, não excluindo fatores sociais da produção de conhecimento - como o método científico ocidental pretendeu fazer - mas precisamente "iniciando" o processo de investigação a partir de uma localização social explícita: a experiência vivida das pessoas que, tradicionalmente, foram excluídas da produção de conhecimento (por exemplo, mulheres) e os currículos da maioria dos cursos de Introdução aos Estudos Surdos parecem ser baseados em uma construção masculina branca.

A exploração das mulheres surdas como ponto de partida, ao invés de uma base, do ponto de vista da epistemologia procura produzir um corpo de conhecimento geralmente mais útil. Muitas vezes reflexivas, estas levam a pesquisadora a entender sua própria cultura, além de permitir seu olhar introspectivo, enquanto explora o pesquisado. (KELLY, 2007).

As autoras surdas brasileiras, Perlin e Strobel (2014), que pesquisam sobre o campo de Estudos Surdos, afirmam que não pode ser esquecida a importância dos registros históricos, principalmente acerca das mulheres surdas, pois se “continuam

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

esquecidos os atores históricos surdos, esquecem-se as subjetividades e as questões que poderiam muito bem ser registradas dentro dos limites da história cultural”. (PERLIN; STROBEL, 2014, p.21).

## **2.Mulheres surdas na história do brasil**

Os registros históricos sobre as mulheres surdas no INES foram apresentados pela pesquisadora Rocha (2009). Com a vinda do professor surdo francês E. Huet (1822-1882) foi criada a primeira instituição de ensino para surdos do Brasil. Sua intenção era fundar uma escola na cidade do Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil. O imperador Dom Pedro II (1825-1891) apoiou a proposta e foi fundado o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES), que funcionou desde o dia primeiro de janeiro de 1856. Inicialmente, o francês dava aulas, provisoriamente, no Colégio de M. Vassimon. Assumiu como diretor e professor e recebia alunos de ambos os sexos.

Os primeiros estudantes registrados da história do INES e do Brasil são duas meninas: Umbelina Cabrita, de 14 anos, e Carolina Bastos, de 10. A educação das meninas era separada da dos meninos, e ficou sob a responsabilidade da esposa de Vassimon; os meninos ficaram a cargo de Huet. Depois do casamento de Huet, Catarina Broedbeck, sua esposa, substituiu a primeira, ficando encarregada das meninas até 1861.

As disciplinas eram diferentes para meninos e meninas. Eram dadas de acordo com o gênero; elas aprendiam trabalhos manuais e tarefas domésticas, e eles, atividades de oficinas. Ambos os sexos, no entanto, aprendiam a ler, a escrever e a contar.

A educação das meninas no INES permaneceu até 1873. Quando Tobias Leite assumiu a direção em 1868, apresentou proposta de retirada das alunas, pois, embora reconhecesse o direito delas à instrução, recomendou que fossem instruídas em casa ou admitidas em escolas para o sexo feminino. (ROCHA, 2009).

Segundo Souza (2015), o diretor Tobias Leite enviou relatório para o governo imperial que autorizou a retirada das alunas surdas por acreditar que o espaço era inadequado para elas, pois ficavam no mesmo prédio com os meninos. Além disso, a mesma autora diz que Tobias Barreto de Menezes, professor do INES, defendeu a educação das mulheres, mas o discurso de Tobias Leite foi totalmente incoerente. Como consequência, as meninas surdas foram expulsas, ficando fora do Instituto por mais de 60 anos.

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

Na *Revista Ephphatha*, publicada pela Associação Brasileira de Surdos-Mudos, fundada em 25 de maio de 1913, há um registro que afirma que dois anos depois da retirada das estudantes do INES, surgiu outra instituição que aceitava só meninas surdas, localizada em Itajubá, no sul de Minas Gerais. Esse instituto, porém, só aceitava alunas contribuintes, ou seja, aquelas que as famílias podiam pagar os custos para que suas filhas estudassem. Não havia nenhum auxílio para atender surdas pobres.

Na década de 1930, a Aliança Nacional das Mulheres, movimento pelo feminismo e pelo direito das mulheres ao voto, pressionou Armando Paiva Lacerda, diretor do INES à época, que aceitou o retorno de meninas ao Instituto, mas não permitiu o internato feminino. Dormir no instituto era permitido apenas aos meninos. Na década de 1950, Ana Rímola de Faria Doria, a primeira mulher a ocupar o cargo de direção do INES, foi quem permitiu o internato na seção feminina.

Na mesma época, a surda curitibana, Nydia Moreira Garcez, fundava a Escola para Surdas Mudas, depois chamada de Escola de Educação Especial Epheta (fechada de forma permanente) em Curitiba. Nydia escolheu o método oral-auditivo, pois seguiu o método usado por Saul Borges Carneiro, seu professor no INES. Ela tornou-se religiosa e foi diretora da Escola Epheta durante 25 anos. A instituição funcionava em regime de internato para meninas surdas e aceitava alunas ouvintes, com objetivo de integrá-las no mesmo espaço para que as surdas pudessem desenvolver a comunicação e a leitura labial.

A partir de 1980, os surdos começam a se comunicar em Língua de Sinais livremente. Houve, também, e bastante fortemente, o surgimento dos movimentos surdos com pessoas que lutavam pelos seus diferentes direitos. Uma delas foi a surda maranhense, Ana Regina e Souza Campello, que junto com Antônio Campos fundou a FENEIS em 1987.

Segundo Rangel e Klein (2020), Ana Regina e Souza Campello, ao mesmo tempo em que fundou e presidiu a FENEIS, como mulher, nordestina-carioca, surda e ativista representou e defendeu o Movimento Surdo, a Comunidade Surda, o Feminismo, a Língua de Sinais, a Educação dos Surdos entre outros. Isto é, lutou pela valorização da Língua de Sinais para as futuras gerações e, com a criação da FENEIS, promoveu diversos cursos de capacitação para instrutores de Libras, primeira língua dos surdos e segunda língua para ouvintes, entre outras ações, como citado:

Quando se pensa na figura de Ana Regina como personagem heroica da comunidade surda, se relaciona a representação dela como um bom

exemplo na luta pelos direitos dos surdos. Ela assumiu a presidência, tinha boa fluência na língua portuguesa e na língua de sinais, e representou o empoderamento das mulheres no espaço político (RANGEL; KLEIN, 2020, pág. 76).

A pesquisadora surda, Rangel (2016) desenvolveu sua tese de Doutorado *Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha*, que trata das representações de heroínas e heróis surdos, seus significados e efeitos nas histórias de indivíduos e de comunidades surdas, e na qual revela os nomes daqueles que a comunidade surda reconhece como pioneiros em várias atuações, vários espaços e na própria comunidade surda. Citou vários nomes, dentre eles os das mulheres que a autora considerava: Ana Regina Souza Campello, como primeira presidenta da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos); Patrícia Rezende, em luta pela política da educação bilíngue para surdos; Gladis Perlin, como primeira surda doutora do Brasil, e Marianne Stumpf, a primeira surda brasileira a realizar estudos de pós-doutoramento; Vanessa Vidal, em seu trabalho como modelo entre outras.

Rangel e Klein (2020) também perceberam, como eu, que a história dos surdos era predominantemente masculina, mas que há muitos nomes femininos nos espaços políticos, educacionais, acadêmicos entre outros. Elas são mulheres e surdas, como eu, que exploram as personagens surdas para buscar e registrar mais visibilidade na história dos surdos.

Monteiro (2018), pesquisadora surda, organizou o levantamento do número de Mestrados e Doutorados surdos desenvolvidos no Brasil, no período entre 1998 e 2016, principalmente os dedicados ao estudo de Libras, Educação de Surdos e seus similares. Até 2017, havia o registro de 127 surdos que concluíram Mestrado, sendo que 69 eram mulheres e 58, homens. Para Doutorado, o total era de 21 surdos, sendo a maioria de mulheres, 14. A mesma autora também conferiu o tempo médio de duração dos estudos para mulheres e homens. Para Doutorado, a média para mulheres era de 44 meses, e de 54 meses para homens, e para Mestrado, de 27 meses para mulheres e 28 meses para os homens. Percebe-se que o tempo médio de estudos para as mulheres é mais curto do que para os homens.

### **3. Metodologia de pesquisa**

A pesquisa é de cunho bibliográfica-documental e foi organizada em quatro etapas, sendo que a primeira traz um panorama por meio da revisão de literatura com as principais contribuições políticas, históricas, culturais e sociais da história dos surdos, objetivando iluminar minha investigação acerca das mulheres surdas. A pesquisa



Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

bibliográfica foi o meio de levantamento das produções acadêmicas publicadas na área da Educação e da história cultural dos surdos.

Na segunda etapa foi investigado se, nas produções publicadas na área da história dos surdos, há registro da presença de mulheres, conforme estão apresentadas no Quadro 1 as informações das produções escolhidas para este trabalho.

**Quadro 1:** Listas de produções da área da história dos surdos

NOME DA PRODUÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO	AUTOR (A)	ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORA	IDIOMA
Deaf artists in America: colonial to contemporary	Livro	Deborah M. Sonnenstrahl	2002	DawnSignPress	Inglês (EUA)
Breve história dos surdos no mundo	Livro	Paulo Vaz de Carvalho	2007	Surd'Universo	Português (Portugal)
Dictionnaire biographique des grands sourdes en France : le silencieux de France	Livro	Yann Cantin e Angélique Cantin	2017	Archives & Culture	Francês (França)

**Fonte:** Elaboração própria.

O quadro acima demonstra a análise de produções publicadas na área da história dos surdos relacionadas à presença das mulheres surdas desde os tempos antigos até os dias atuais. Todos são livros estrangeiros, e a maioria dessas produções é de cunho biográfico.

A primeira produção é o livro *Deaf artists in America* (Artistas surdos nos Estados Unidos, em tradução livre), escrito pela estadunidense surda Sonnenstrahl (2002). Nele, a autora relata as vidas dos artistas surdos e surdas do país de origem da autora e suas diferentes profissões, dentre elas: pintor/a, escultor/a, carpinteiro/a, gravador/a entre outros/as da área artística.

A produção do autor português, Paulo Vaz de Carvalho (2007), *Breve história dos surdos no mundo*, que mistura biografia e história, retrata pessoas surdas em Portugal e no mundo desde a Idade Antiga até a Idade Contemporânea.

A última produção, *Dictionnaire biographique des grands sourdes en France* (em tradução livre, Dicionário biográfico dos surdos da França) é um livro biográfico publicado pelos autores surdos Cantin e Cantin (2017), que retrata em detalhes as vidas dos surdos franceses importantes no período de 1450 a 1920.

A terceira etapa é o levantamento dos dados com finalidade de resgatar as mulheres surdas que precisam ser reconhecidas como pertencendo à comunidade surda, sejam elas vivas ou mortas, e independente do papel e da atuação em diferentes áreas. O Quadro 2 apresenta o trabalho de levantamento e organização dos dados em categorias.

**Quadro 2:** Levantamento de registro de mulheres surdas

<b>NOME DA MULHER SURDA</b>	<b>NASCIMENTO E FALECIMENTO</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>EM QUE SE DESTACOU?</b>	<b>FONTE</b>
-----------------------------	---------------------------------	---------------	----------------------------	--------------

**Fonte:** Elaboração própria

A última etapa desenvolvida traz uma abordagem bibliográfica que narra as trajetórias de algumas mulheres surdas inspiradoras e reconhecidas pela comunidade surda.

#### **4. Análise de registros sobre produções de mulheres surdas**

Nesta seção, o foco está na análise de registros de nomes e números de mulheres surdas nas três produções escolhidas. O Quadro 3 apresenta o número de personalidades surdos/as e ouvintes registradas nas produções citadas.

**Quadro 3:** Registros de personalidades surdas e ouvintes

<b>Nome da produção</b>	<b>SURDAS</b>	<b>OUVINTES</b>	<b>TOTAL</b>
Deaf artists in America: colonial to contemporary	63	0	63
Breve história dos surdos no mundo	30	30	60
Dictionnaire biographique des grands sourdes en France : le silencieux de	44	0	44

France			
--------	--	--	--

**Fonte:** Elaboração Própria

A partir dessa organização, observa-se, nas produções analisadas, que a maioria dos personagens são registrados pelos surdos. Lembrando que duas produções como *Deaf artists in America: colonial to contemporary* (2002) e *Dictionnaire biographique des grands sourdes en France: les silencieux de France* (2017) pesquisam apenas personagens surdos. A produção *Breve história dos surdos no mundo* (2007) retrata a história de forma mais abrangente, apresenta fatos históricos e os diferentes métodos para surdos. O Quadro 4 apresenta o número de registros de personagens surdos por gênero nas produções analisadas.

**Quadro 4:** Registros de personalidades surdas por gênero

Nome da produção	SURDAS	SURDOS	TOTAL
Deaf artists in America: colonial to contemporary	15	48	63
Breve história dos surdos no mundo	8	22	30
Dictionnaire biographique des grands sourdes en France : le silencieux de France	11	33	44

**Fonte:** Elaboração própria

No quadro acima, percebe-se que há enorme diferença nas quantidades entre mulheres e homens. Todas as produções registram mais surdos do gênero masculino que do feminino.

O livro *Deaf artists in America: colonial to contemporary* tem o total de 63 pessoas surdas, sendo 48 homens e 15 mulheres. As mulheres, apresentadas em ordem cronológica, são: Charlotte Buell Coman (1833-1924), Frances Allen (1854-1941), Mary Allen (1858-1941), Blanche Lazzell (1878-1956), Christy MacKinnon Maxcy (1889-1981), Regina Olson Hughes (1895-1993), Maggie Lee Sayre (1920-2000), Betty G. Miller (1934-2012), Claire Haber Bergman (1944-2000), Ann Silver (1949), Mary Thornley (1950), Lee S. Ivey (1957-1995), Mary A. Rappazzo (1962), Susan Dupor (1969) e Jessica A. Geiger (1969).

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

O livro *Breve história dos surdos no mundo* registrou 30 personalidades, sendo 22 surdos e 8 surdas. Alice Cogswell (1805-1830), Laura Searing (1839-1923), Annie Cannon (1863-1941), Henrietta Leavitt (1868-1921), Hellen Keller (1880-1968), Carol Padden (1955), Marlee Matlin (1965) e Emmanuelle Laborit (1971) são as mulheres registradas pelo autor português.

O último livro investigado, *Dictionnaire biographique des grands sourdes en France: le silencieux de France*, registrou 44 personalidades surdas, sendo 11 mulheres e 33 homens. As mulheres registradas neste livro foram: Jeanne Stuart (1428-1493), Madeleine Le Mansois (1750-1826), Fanny Robert (1795-1872), Louise-Thérèse Allins (1808-1888), Pauline Larrouy (1834-1919), Blandine Nompère de Champagny (1841-1908), Émile Joseph Mercier (1868-1922), Louise Walser (1879-1920), Yvonne Pitrois (1880-1937), Louise Gruizet dita Louise Asser (1880-1958) e Marie Heurtin (1885-1921).

## **5. Mulheres surdas inspiradoras e reconhecidas pelas comunidades surdas brasileira e mundial**

As mulheres surdas quebraram e quebram barreiras em sua atuação devido à surdez, destacando-se com suas habilidades e sua inteligência, inspirando outras mulheres e sendo reconhecidas pela comunidade surda, em qualquer país e, principalmente, entre as gerações mais jovens. É impossível apresentar a história de todas as mulheres surdas em sua trajetória neste trabalho, por isso escolhi 8 (oito), e cujas interessantes trajetórias eu admiro.

**Annie Jump Cannon** foi uma astrônoma que nasceu no dia 11 de dezembro de 1863 em Dover, Delaware, nos Estados Unidos. Sua mãe foi a primeira pessoa a incentivá-la em seus estudos e, em função dos seus interesses, estudou Matemática, Química e Biologia. Cannon seguiu o conselho da sua mãe e perseguiu seu amor pela Astronomia, estudando Física e Astronomia no *Wellesley College*, uma das faculdades para moças mais conceituadas do país. Teve aulas com Sarah Frances Whiting e conseguiu graduar-se em 1884.

Há várias teorias acerca da sua perda de audição. Em algumas, teria perdido a audição na infância, outras dizem que foi depois de graduar-se. Fato é, que seguiu estudando, apesar das dificuldades de socialização. Estando afastada dos estudos, escreveu para sua orientadora Sarah perguntando sobre alguma vaga aberta de emprego. A professora, então, a contratou como física assistente na mesma instituição onde ela havia estudado.

Ela se matriculou no *Radcliffe College* como aluna especial para continuar seus estudos em Astronomia. Essa faculdade era próxima de Harvard o que deixou o acesso mais fácil para ela, pois frequentava o *Harvard College Observatory*. Em 1896, Pickering, o diretor de observatório, contratou um grupo de mulheres excepcionais, que ficaram conhecidas como as *Calculadoras de Harvard*, e das quais Cannon se tornou líder. Ela descobriu 300 estrelas variáveis e, ao longo do seu trabalho, escreveu artigos e livros que foram publicados.

Em 9 de maio de 1922, a *International Astronomical Union (IAU)* baixou uma resolução que adotou formalmente o Sistema de Classificação Estelar de Annie Cannon, cuja carreira de astrônoma durou cerca de 40 anos até sua aposentadoria em 1940. A surdez a tornou bastante introvertida, com dificuldades de socializar-se, o que a fez dedicar-se bastante ao trabalho, tanto que nunca se casou ou teve filhos. Faleceu no hospital, depois de ficar doente por mais de um mês, no dia 13 de abril de 1941 em Cambridge, Massachusetts, aos 77 anos de idade.

**Nellie Zabel Willhite** foi a primeira mulher a voar no estado de Dakota do Sul, Estados Unidos. Nasceu em 22 de novembro de 1892, na cidade de Rapid City, Dakota do Sul, e ficou surda quando tinha dois anos de idade após contrair sarampo. Frequentou a Escola para Surdos de Dakota do Sul até terminar o Ensino Médio, passando, logo depois, a trabalhar como datilógrafa. Quando tinha 34 anos aceitou a ideia de um colega do trabalho, que era piloto de avião, de que ela podia pilotar e tornar-se a primeira mulher do estado a fazê-lo. Foi à escola de aviação para obter informações, mas as aulas custavam muito caro e ela não tinha dinheiro suficiente para isso. Então pediu ajuda ao pai.

Ela começou as aulas em novembro de 1927 e foi o 13º aluno a se inscrever em uma turma ministrada por Harold Tennant. Mas o tempo estava muito ruim naquele inverno e ela demorou dois meses depois para concluir as aulas. Quando começou a voar estava com 35 anos de idade. Nellie fazia muitos voos de treino, melhorando muito seu desempenho. Com isso, a notícia sobre a mulher piloto se espalhou rapidamente. Enquanto sua família e seus amigos estavam orgulhosos de sua profissão, outros ficaram chocados, pois nunca se tinha visto uma mulher, e surda, capaz de pilotar um avião. Alguns até a criticavam bastante.

No dia 2 de novembro de 1929 houve um evento muito importante e especial em que Amélia Earhart (1897-1937), famosa mundialmente por ter sido a primeira mulher aviadora a voar sozinha sobre o Oceano Atlântico, convocou uma reunião para fundar

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

uma organização de apoio mútuo e progressão das mulheres pilotas, que ganhou o nome de *As 99: Organização Internacional de Mulheres Pilotas*. O nome foi dado por causa do número de mulheres que participaram da reunião ou que manifestaram interesse em formar um grupo. Nellie Zabel Willhite estava lá e fez parte dessa associação, que tinha 26 pilotas pioneiras que participavam de voos em shows aéreos.

Ainda sobre Earhart, tentou voar dando a volta do mundo, mas desapareceu misteriosamente. Já a carreira de aviadora de Nellie foi marcada por vários incidentes incomuns, mas teve muito sucesso. Obteve uma licença de transporte e também trabalhou como instrutora de voo por muitos anos até que, em 1944, deixou a carreira. Faleceu em 2 de setembro de 1991 com 98 anos de idade na cidade de Yankton, Dakota do Sul.

**Gertrude Caroline Ederle** nasceu em 23 de outubro de 1905, em Manhattan, Nova York. Devido ao sarampo que teve quando criança, Ederle teve como seqüela uma progressiva perda da audição, e em 1940 estava completamente surda. Ela aprendeu nadar com seu pai na piscina da casa de verão da família, em Nova Jersey, e foi nadadora, campeã olímpica e recordista mundial. Gertrude treinava na *Women's Swimming Association (WSA)* onde tornou-se nadadora amadora e obteve 29 recordes nacionais e mundiais para os Estados Unidos, de 1921 até 1925, tendo obtido um total de 99 medalhas.

Depois de 1925, Ederle se profissionalizou e a WSA decidiu levar, além de Gertrude, a nadadora Helen Wainwright para uma primeira tentativa de atravessar o Canal da Mancha que fica na divisão do mar aberto entre França e Inglaterra. A nadadora Wainwright desistiu por causa de uma lesão e Gertrude continuou treinando com o nadador escocês Jabez Wolffe, que tentou a travessia 22 vezes. Outras duas nadadoras estadunidenses, Clarabelle Barrett e Amelia Gade Corson, tornam-se concorrentes de Ederle, pois também queriam atingir o objetivo de ser a primeira mulher a cruzar o Canal da Mancha. Não conseguiram e Gertrude seguiu sendo a nadadora com reais possibilidades. Na segunda tentativa, no dia 6 de agosto de 1926, depois de 14 horas e 34 minutos nadando, Ederle chegou no lado britânico, tornando-se a primeira mulher a atravessar a nado o Canal da Mancha.

Foi recebida como heroína nos Estados Unidos, por cerca de dois milhões de pessoas em sua cidade natal. Despertou uma 'febre' que levou muitas nadadoras a tentarem bater seu recorde, que só foi superado 24 anos depois. Tornou-se instrutora,

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

dando aulas de natação para incentivar crianças surdas. Nunca se casou nem teve filhos. Em sua velhice, morou em um asilo até sua morte em 30 de novembro de 2003.

**Wilma Newhoudt-Druchen** nasceu em 1964 na cidade do Cabo, na África do Sul. Quando criança frequentou a *Dominican School for the Deaf*, Wittebome, na mesma cidade. Depois, foi transferida para uma escola católica feminina. Em 1988, aos 24 anos de idade, matriculou-se na *Gallaudet University* com a ajuda financeira de uma amiga de infância da *Dominican School for the Deaf*. Formou-se bacharel em Serviço Social (1992). Mais tarde, na mesma universidade, fez Mestrado em Serviço Social, que concluiu em 2005, e Doutorado em Direito, concluído em 2009.

Quando retornou à África do Sul em 1994, começou a carreira de Assistente Social em uma organização local para a comunidade surda da Cidade do Cabo. Posteriormente, foi contratada como diretora provincial da *Deaf Federation of South Africa – DeafSA*, entidade com a qual colabora até hoje.

Em 1999, Wilma foi eleita para o Parlamento da África do Sul pelo Partido do Congresso Nacional Africano – ANC, atuando como deputada parlamentar no Comitê Misto de Acompanhamento da Melhoria da Qualidade de Vida e do Estatuto da Criança, dos Jovens e Pessoas com Deficiência. Recebeu os prêmios da WFD e *Gallaudet University* por seus esforços para melhorar a vida das pessoas surdas na África. Foi presidente da DeafSA de 2004 a 2012, presidente do Comitê Organizador do Congresso da WFD, de 2007 a 2011 e trabalhou como Conselheira da WFD, de 2007 a 2015. É casada com Peter Bruno Druchen, atual presidente da DeafSA, e tem 2 filhos, Antonio e Nicole. Foi a primeira mulher surda no Parlamento da África do Sul, desde 1999 até hoje.

**Luciana Cristina Cruz da Silva**, conhecida como Luciana Luna, nasceu no dia 28 de março de 1975, na cidade de São Paulo. Surda de nascença, vinha de uma família surda, pois seus pais e seus irmãos eram surdos. Morou na capital paulista até os 12 anos de idade. Mudou para Curitiba, no Paraná. Aos 24 anos estava casada e teve dois filhos, Leonardo e Caroline. Ingressou em 2008 no curso de licenciatura a distância em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no polo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde concluiu sua graduação em 2012. Era professora de Libras desde 2010.

Era ativista, influenciadora digital e conselheira para comunidade surda brasileira. Ela ficou muito conhecida pela Comunidade Surda do Brasil, por meio das redes sociais. No início, trabalhou como administradora e moderadora de grupos em redes sociais:

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

Diário das Mulheres Surdas e Feliz de Ser LGBT em Libras, mas esses grupos não prosperaram.

Fabiula Alexandria, que é responsável pelo grupo de rede social, *Reflexão de vida em Libras*, ficou satisfeita com o trabalho dela, e a convidou para entrar para trabalhar junto, onde foi muito dedicada como influenciadora digital, conselheira e dando as informações em Libras como primeira língua para surdos, em diferentes assuntos, como saúde, amor, relacionamento e autoestima durante 4 anos.

Foi grande a relevância dos trabalhos de Luciana Luna, mulher surda notável pelos seus feitos e contribuições como influenciadora digital, que por meio das redes sociais aconselhava, ensinava e motivava a comunidade surda brasileira a fim de fortalecer a autoestima de surdos e surdas, seus modos de resistência frente às adversidades e à busca por uma vida melhor. Luna, por quatro anos trabalhou arduamente em prol da comunidade surda brasileira a ponto de se tornar uma referência enquanto mulher surda na comunidade. Apesar dos discursos de desaprovação aos seus trabalhos, Luna persistiu firme e forte em seus ideais e com seus objetivos, sempre mostrando a potência que a mulher surda tem. Infelizmente, ela faleceu no dia 24 de maio de 2021 devido a uma trombose pulmonar na cidade de Rio de Janeiro.

**Ariana Martins**, modelo profissional catarinense, é surda de nascença. Nasceu em 1986, em Balneário Camboriú e tem quase 1,79 m de altura. Foi a primeira mulher surda a posar para capa da famosa revista *Playboy*. Isso nunca havia acontecido na edição brasileira dessa revista, nos seus 42 anos de existência. Ariana que já atuou em diversos trabalhos fora do país, iniciou sua carreira quando tinha 14 anos de idade. A ideia não foi bem recebida pela família e ela enfrentou muitas dificuldades, muito preconceito e foi recusada numa agência por causa da surdez. Mas persistiu em enfrentar os desafios e, dos 22 até os 35 anos, não parou de trabalhar. Após suas aparições em capas e outras publicações ficou muito famosa nas redes sociais. Ganhou mais de 32 mil seguidores no Instagram porque defendeu incentivar que as mídias digitais se tornem mais inclusivas com a presença de legenda descritiva nas imagens. Esteve em São Paulo com o presidente da revista Playboy com o objetivo de angariar fundos para uma instituição de apoio a surdos.

**Stefany Krebs** nasceu no dia 19 de maio de 1998 em Erechim, no Rio Grande do Sul e é surda de nascença. Foi a primeira jogadora de futebol feminino surda do time do Palmeiras, em São Paulo. Ela entrou como meio-campo na Seleção Brasileira de Futsal para surdos desde os 15 anos, conquistando o Mundial de Futsal de Surdos (2019),



Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

Campeonato Interclubes (2016), Campeonato Pan-americano (2014), Campeonato Sul-Americano (2013) e Taça Brasil de Futsal (2013). Em 2020, ingressou na equipe feminina do Palmeiras, mas precisou enfrentar muitos obstáculos como problemas de comunicação com as companheiras de equipe e com comissão técnica. Outro ponto de dificuldade eram as marcações do árbitro com o som do apito. Quando a pandemia começou, interferiu na sua rotina de treinos; resolveu voltar a estudar a distância no curso de Educação Física. Concluiu seu curso em 2020 e defendeu em seu Trabalho de Conclusão de Curso, *A inserção de jovens surdos no esporte escolar a partir de ações da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) e entidade de surdos*.

Quando recebeu a notícia de que não teria seu contrato renovado no time alviverde, decidiu retornar para sua cidade natal e ficar junto com sua família. Lá trabalha em uma escola onde é a única docente surda. Mas já revelou que não vai desistir de seu sonho e procura um novo clube.

**Tainá Borges** nasceu no dia 21 de agosto de 2002 em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. É estudante universitária e youtuber. Surda de nascença, tem um irmão mais velho que também é surdo. Seus pais são ouvintes e sabem a Libras. Sua mãe aprendeu a língua e tornou-se uma intérprete. Quando Tainá tinha 15 anos, ganhou uma cachorrinha a quem deu o nome de Bella. Passou a ensinar ao animalzinho, por meio de sinais, os comandos para sentar, deitar, passear etc., usando reforço positivo (biscoito, no caso) quando Bella acertava o que devia fazer. Desde 2016, seu irmão Andrei Borges, tem um canal no Youtube, canal *Visurdo*, onde trata sobre diversos temas relacionados a surdez e Libras. Tainá concordou que apresentassem o vídeo sobre como ensinaram a cachorrinha a entender comandos em Libras. O vídeo 'bombou' e teve mais de 97 mil visualizações.

No dia 13 de junho de 2019 eles foram agraciados com uma placa de prata, após ultrapassar os 100 mil inscritos em seu canal oficial do Youtube. São os primeiros surdos do Brasil a receber o reconhecimento entregue pela maior plataforma de vídeos do mundo e continuam a divulgar novos vídeos com vários temas até hoje. Tainá Borges, mulher surda que trabalha como youtuber, continua produzindo vídeos com diversos conteúdos maravilhosos, com acessibilidade e legendas. Segue trabalhando com seu irmão e eles sempre têm muitos seguidores que sempre curtem seus trabalhos. Esse é um fato importante, pois nunca uma surda tinha tido tamanha visibilidade e reconhecimento por seu trabalho numa plataforma digital em contexto brasileiro. Vale dizer que os irmãos Borges desempenham um trabalho fantástico em favor dos surdos.

## Considerações finais

No início e no decorrer desse trabalho pudemos perceber a escassez de relatos sobre mulheres surdas. A própria criação do INES é marcada por uma narrativa surda, que mostra o protagonismo do homem surdo que lutou pela educação de meninos surdos. Edouard Huet, porém, era casado com uma mulher que trabalhava em prol da educação de surdas, mas ainda assim, apenas a história dele é contada. Nota-se, na história da educação de surdos, que há uma predileção pela narrativa histórica com o foco em Huet, e essa escolha acaba por deixar de lado a história de sua esposa. Além disso, percebe-se que poucos são os registros sobre sua história e raros são os relatos sobre os seus feitos.

Outro ponto curioso deve-se a Tobias Leite, um dos diretores do INES, ter proposto a retirada das estudantes surdas da instituição, favorecendo assim apenas os meninos surdos no processo de escolarização. A partir de 1930, as meninas puderam retornar para o INES para estudar, sem, no entanto, poder dormir na instituição. Essa época é um período de grande relevância social para as mulheres, pois foi nesse momento histórico que lhes foi concedido o direito de voto em nosso país. Foi uma resposta, em grande parte, aos esforços do movimento feminista brasileiro em consonância com o movimento feminista internacional que influenciou também as mulheres surdas. Uma das conquistas, reflexo desses movimentos, foi a liberação das alunas para dormir no INES após terem sido impedidas por muito tempo.

Nessa direção de apresentar os feitos e realizações das mulheres surdas, vale mencionar que em 1980 a FENEIS teve pela primeira vez uma mulher surda, Ana Regina Campello, ocupando o cargo de destaque como presidente nacional dessa entidade, que auxiliou a criação de várias associações de surdos e fortaleceu o movimento surdo no Brasil.

Durante a análise do trabalho de Monteiro (2018), verificamos que a autora identificou em sua pesquisa que a maioria dos surdos que realizou Mestrado e Doutorado em nosso país é de mulheres. Outro dado interessante apresentado nesse trabalho, trata da investigação da pesquisadora surda Flaviane Reis que encontrou em seus resultados uma diferença significativa entre surdos e surdas aprovados em concursos públicos, sendo a maioria de mulheres surdas aprovadas nesses exames. Além disso, a autora também destaca que elas são maioria em relação aos homens surdos no quesito publicação acadêmica.

Pudemos ver que as três publicações encontradas, assim como a biografia que narra a história dos surdos e utilizada neste trabalho, majoritariamente, retratam uma história marcada mais pela presença de homens do que de mulheres, em especial os sujeitos surdos.

Já os resultados da análise acerca das mulheres surdas, em contexto brasileiro e internacional, vem revelando informações inspiradoras e surpreendentes sobre elas, algumas citadas aqui: (I) Stefany Krebs, a primeira jogadora brasileira de futebol surda, que foi escolhida como a melhor jogadora de um campeonato de futebol internacional ocorrido na Suíça; (II) Nellie Zabel Willhite, a primeira surda a pilotar um avião nos Estados Unidos; (III) a vida de Gladis Perlin, primeira doutora surda no Brasil que serviu de modelo para diversos pesquisadores surdos e surdas que vieram depois dela; (IV) a história e os feitos de Carol Padden como a primeira reitora surda e linguista reconhecida pela sua grande contribuição por meio de seus trabalhos para o campo de pesquisa em linguística de sinais. Atualmente, Padden é uma grande autora surda referenciada em diversas produções acadêmicas; (V) Marcela Félix, a primeira judoca surda a receber uma faixa preta em toda América; (VI) Klícia Campos, surda nordestina que desenvolve trabalhos e pesquisa com literatura de cordel e poesia nordestina em Libras.

Estão são apenas algumas, pois vimos ao longo desse trabalho diversas mulheres surdas profissionais. E, sem sombra de dúvida, existem muitas mais. Estou certa de que de há muitos outros registros sobre muitas outras surdas que narram histórias interessantes e impressionantes. Por isso defendo que não se pode apagar essas histórias em detrimento de apenas dar destaque para a narrativa da história de homens surdos. Acredito que é preciso resgatar as histórias das mulheres surdas de passado e presente e registrar, a fim de proporcionar um futuro diferente. Um futuro em que as mulheres surdas sejam conhecidas tanto quanto os homens surdos.

É importante construir uma representação da mulher surda para as futuras gerações a fim de promover a identificação e construção da identidade destas mulheres. De forma interseccional, este trabalho se propôs a destacar a necessidade do reconhecimento da equidade de direitos entre homens surdos e mulheres surdas, bem como a resistência e a representatividade da mulher surda. Espero que este trabalho ofereça contribuições a quem pretenda se debruçar e aprofundar o tema em futuras investigações.

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

## Referências

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: abr. 2021.
- CANTIN, Y.; CANTIN, A. **Dictionnaire biographique des grands sourdes en France: les silencieux de France (1450-1920)**. Paris: Archives & Culture, 2017.
- CARVALHO, P. V. **Breve história dos surdos no mundo**. Lisboa: Surd'Universo, 2007
- KELLY, A. B. **Where is deaf her story? Open your eyes: deaf studies talking**. Saint Paul: Editora da Universidade de Minnesota, 2007.
- LADD, P. **Em busca da surdidade 1: colonização dos surdos**. Lisboa: Surd'Universo, 2003.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MONTEIRO, M. S. **Mestres e doutores surdos: sobre a crescente formação especializada de pessoas surdas no Brasil**. Petrópolis: Arara Azul, 2018.
- ONU. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial nº2, p. 17-31, 2014.
- RANGEL, G. M. M. **Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha**. 2016, 189 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2016.
- RANGEL, G. M. M.; KLEIN, M. **Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha**. Curitiba: CRV, 2020.
- ROCHA, S. M. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. 2009. 160 f. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Educação da PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2009.
- SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.,p. 63-97

Ângela de Fátima G. Stelmacki, Danilo da Silva Knapik, Registros sobre mulheres surdas.....

SONNENSTRAHL, D. M. Deaf artists in America: **colonial to contemporary**. San Diego: **DawnSignPress, 2002**.

SOUZA, V. R. M. **Tobias Leite**: educação dos surdos no século XIX. São Cristóvão: Editora da UFS, 2015.

Recebido em: 08/12/2021

Aceito em: 26/12/2021

Para citar este texto (ABNT): STELMACKI, Ângela de Fátima Girardi Stelmacki; KNAPIK, Danilo da Silva. Registros sobre mulheres surdas na história. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.424-444, dez.2021.

Para citar este texto (APA): Stelmacki, Ângela de Fátima Girardi Stelmacki ; Knapik, Danilo da Silva. (2021, dez.). Registros sobre mulheres surdas na história. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(Especial): 424-444

